

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTANCIA-PEAD
POLO ALVORADA**

Aline Bittencourt da Silva

**NA SALA DE AULA: UM EXERCÍCIO DE COOPERAÇÃO!
- Estudo de caso sobre a prática de Estágio -**

Porto Alegre
2010

Aline Bittencourt da Silva

NA SALA DE AULA:UM EXERCÍCIO DE COOPERAÇÃO!
- Estudo de caso sobre a prática de Estágio -

Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia a Distancia apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga

Orientador: Prof. Dr. Paulo Albuquerque

Porto Alegre
2010
Aline Bittencourt Da Silva

NA SALA DE AULA:UM EXERCÍCIO DE COOPERAÇÃO!
- Estudo de caso sobre a prática de Estágio -

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia EAD pela Faculdade de
Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientador - Prof. Dr. Paulo Albuquerque – UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os alunos, funcionários, professores e comunidade escolar, que de uma maneira ou de outra fizeram parte da minha experiência de estágio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter vivido para concluir este trabalho e espero que, este curso.

Agradeço ao meu irmão, ao qual tomo como exemplo de disciplina, respeito e perseverança, coisas que muitas vezes me faltaram para concluir esta etapa de minha vida mas que meu irmão sempre me estimulou.

Agradeço a minha mãe por suas orações e palavras precisas.

Agradeço ao meu esposo por estar junto a mim durante todo o curso, fazendo com que eu não desistisse.

Agradeço a minha colega, a funcionária Bianca que muito me ajudou ficando presente no laboratório de informática, já que não temos funcionário nesta função, permitindo assim, que fosse possível usar esta ferramenta.

Por fim agradeço ao professor Paulo, por ser o professor que é, provando que a educação ainda pode mudar, renovando esperança e espantando fantasmas que assombram minha rotina escolar.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	8
1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1.REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1.2.DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA	12
2. COOPERAÇÃO.....	13
3. O GRUPO DE TRABALHO.....	13
3.1. OPERACIONALIZANDO O ESTÁGIO: A EXPERIÊNCIA	
MATERIALIZADA.....	16
4. O GRUPO EM AÇÃO	17
5. O BLOG.....	19
6. A AVALIAÇÃO.....	21
7. A TROCA DE PAPÉIS NA SALA DE AULA.....	22
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
9.REFERÊNCIAS.....	30
10.ANEXO	31

RESUMO

O presente trabalho parte da experiência de estágio da graduação, na qual o conceito de cooperação salientou-se como ferramenta essencial no processo de ensino- aprendizagem. A dinâmica do trabalho consistiu na formação de grupos de estudo e produção do conhecimento, da qual se desenvolveu uma arquitetura pedagógica, o blog da turma, onde o trabalho tornava-se concreto aos olhos dos alunos e da comunidade escolar. Além disso, nesse processo, procurou-se estimular e aprimorar algumas potencialidades e habilidades de cada educando. A metodologia e a avaliação do processo relacionaram-se diretamente com a noção de cooperação, pois durante o processo os alunos avaliavam a si mesmos e aos outros, utilizando como ferramenta o painel avaliativo. No sentido de problematizar o conceito de cooperação, busco inspiração em autores como Paulo Freire e Freinet, que abordam a questão como algo fundamental para o desenvolvimento humano e para a produção do conhecimento. Mesmo citando estes autores em partes específicas do texto, o objetivo principal é relatar uma experiência que possa contribuir com o trabalho de professores e alunos cujas atividades se relacionam com essa mesma realidade.

Palavras chave: Experiência docente. Cooperação. Blog

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ficha dos componentes do grupo.....	19
Figura 2: Ficha de anotações semanais do grupo	20
Figura 3: Painel avaliativo	23
Figura 4: Quadro de líderes semanais.....	23
Figura 5: Ficha do aluno monitor 1	25
Figura 6: Ficha do aluno monitor 2	25
Figura 7: Ficha do professor auxiliado pelo aluno monitor.	26

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende relatar uma parte da experiência de estágio que foi bastante significativa para mim, porque eu não acreditava na produção de conhecimento somente a partir do trabalho em grupo.

A cooperação foi um conceito-chave disparador da prática em sala de aula do meu estágio, de maneira concreta e construtiva.

A escola em que aconteceu esta experiência de construção do conhecimento foi uma escola estadual. Com 36 anos de escola pública, o colégio tem suas instalações internas bem conservadas, é muito bonito, com paredes decoradas e salas amplas, um refeitório arejado, um pátio com quadra de esportes e pracinha. Tem também um salão coberto com palco e churrasqueira para festas e apresentações, além do laboratório de informática, sala de jogos educativos, sala de artes e de vídeo.

A luta também é constante neste espaço, temos poucos alunos da comunidade, muitos vêm de outros lugares, em sua maioria são crianças que vivem em abrigos ou casas lares. Temos também muitas crianças com necessidades especiais de aprendizagem. Inicialmente recebemos estas crianças porque a escola sofreu a ameaça de fechar, por ser muito pequena. No decorrer do tempo, as crianças foram se adaptando e dando certo, então mais e mais crianças com hiperatividade, transtorno de negação, bipolaridade, retardo, autismo e outras dificuldades foram chegando à escola e ficando. O grupo de professores precisou estudar e buscar alternativas de incluir estas crianças na rotina da sala de aula.

O fracasso escolar também faz parte da nossa rotina, pois nesta comunidade escolar nada é sólido, os alunos vêm e vão, trocam de abrigos, de famílias, dependem de seu bem estar físico e mental para conseguir ficar na sala de aula, quando dependem de medicamentos que muitas vezes não têm, mas que são necessários para garantir o seu aprendizado e do outro, assim como o convívio saudável em um espaço social que é a escola.

Ao iniciar meu trabalho nesta escola, percebi que precisaria fazer muito, para propiciar uma educação de qualidade a estas crianças. Mas como, se não existia uma unidade, uma referência, para muitos, nem mesmo familiar?

O que eu poderia fazer para trabalhar com tantas crianças diferentes, com saberes e idades diversas em uma mesma sala?

E suas necessidades especiais, eu sem especialidade, como cuidaria de todos e de tudo em um mesmo espaço?

Eu não sabia, mas ao observá-los, senti que a sala de aula permitia o desenvolvimento de relações afetivas e a possibilidade de promover estratégias de trabalho que aproveitassem o potencial dos educandos a partir de conceitos e propostas pedagógicas que envolvessem o grupo.

Então comecei trabalhar a construção de regras, tudo feito por eles, e sutilmente, através da recreação. Considero muito importante a parte recreativa, pois se aprende a convivência, a discussão, se sofre a frustração, se tolera, se perde, se ganha, trabalha-se sozinho e trabalha-se em equipe.

Após cada aula, nós conversávamos sobre o que deu certo e o que deu errado, criávamos outras regras. Levou tempo, mais ou menos cinco meses para esta turma conseguir trabalhar em grupo e em equipe na recreação.

Meu estágio foi feito com uma turma de 3º ano. Muitos destes alunos haviam sido meus no 2º ano, por orientação médica e opção da direção continuei com a turma que sofreu algumas alterações. Inicialmente eram 37 alunos, destes, 20 tinham laudos médicos. Devido à quantidade de alunos, a turma foi separada durante o estágio, para que o trabalho fosse feito com melhor qualidade e o atendimento fosse individualizado.

A professora que chegou tomou conhecimento da proposta cooperativa que estava sendo usada. Esta proposta consiste na organização de uma ¹,arquitetura pedagógica que tinha o seu centro dinâmico no Blog da turma, nomeado: “Jornal da Turma 31”.

Foi um trabalho em equipe no qual escolhemos esta forma de expressão para aprimorar e ampliar os conhecimentos da turma, motivando o trabalho coletivo.

¹ Segundo Carvalho, Nevado e Menezes (2007, p.39), arquiteturas pedagógicas podem ser compreendidas como “estruturas de aprendizagem realizadas a partir da confluência de diferentes componentes: abordagem pedagógica, software, Internet, inteligência artificial, educação a distância, concepção de tempo e espaço”. Ou seja, são combinados os recursos tecnológicos com a visão pedagógica.

O Blog informava através das curiosidades, levantadas sobre temas semanais, as “TEMÁTICAS”, o trabalho de pesquisa que foi produzido pelo grupo durante a semana.

Os grupos foram formados priorizando as diversas habilidades e potencial cognitivo dos alunos, além de desenvolver o processo educativo, utilizando uma ferramenta tecnológica, aplicando a metodologia pregada pelo PEAD. O desenvolvimento da convivência e da civilidade era um objetivo muito importante para mim, dentro da diversidade e da problemática da turma.

O trabalho destes grupos era avaliado por eles mesmos, sistematizado, através de uma ficha de avaliação, onde o líder que era escolhido diariamente deveria preencher. No fim da semana, o grupo discutia sobre a ficha, refletia sobre a avaliação feita previamente e fazia a exposição de suas idéias em um quadro fixado na sala. É com base na análise do trabalho com estas fichas que inicio este relato, pretendendo ajudar, informar, e provocar a reflexão em educadores como eu, sobre o conceito de cooperação na sala de aula.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

“Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, imediatizados pelo mundo” (FREIRE,1981p.79) pressuposto base do que acredito e que foi manifestado ao longo desta experiência que estou relatando.

Busquei além de Paulo Freire, outros autores que falavam sobre o tema cooperação como Vygotsky e Celestin Freinet.

Vygotsky defendia que a aprendizagem acontecia em um contexto social, no qual um adulto ou uma criança mais apto. orientam outro menos apto até que este torne-se capaz de agir sozinho, é um professor tutor, ele não dita a verdade de forma vertical, mas sim caminha junto horizontalmente com os pares que estão aprendendo nos grupos(1978). Para Freinet, a educação deveria proporcionar ao aluno a realização de algo em cooperação , por isso o professor ao organizar o trabalho, precisa realizar intervenções de modo a promover o aprendizado do aluno a partir de uma outra perspectiva que não seja a competição.

Esse autor também embasa o processo de busca constante para envolver os alunos na aprendizagem; tentei buscar formas para que todos aprendam

inserindo o contexto social na sala de aula, para assim conhecê-la e poder mudá-la.

Para os trabalhos em grupo optei por fichas avaliativas e painel de avaliação, mas não é algo novo, pois Freinet, já usava fichas para que os alunos se auto-avaliassem, como maneira de registro de aprendizagem.

Outro autor relacionado com o conceito de cooperação foi Piaget.

O autor percebe cooperação como um método construído na reciprocidade entre os indivíduos, através da descentração intelectual, sendo que a cooperação é uma superação do egocentrismo. Este aspecto se encaixa perfeitamente no início da prática desenvolvida, onde foi feita a construção dos grupos e a caminhada deles até se tornarem grupos de trabalho. Portanto Piaget afirma:

”O egocentrismo infantil, longe de construir um comportamento anti-social, segue sempre ao lado do constrangimento adulto. O egocentrismo só é pré-social em relação à cooperação.” (Piaget, 1994. pg.58)

Saliento que o conceito de cooperação utilizado não traduz uma orientação específica (de um autor), mas se vincula ao que considero adequado principalmente porque fazemos a diferença entre cooperação e trabalho de grupo, diferença fundante quando se trabalha o conceito em situação de ensino e aprendizagem.

Entendo Cooperação como processo aberto, plural na qual se manifesta a intencionalidade de resolver problemas a partir da ação coletiva, visto que individualmente não se consegue resolver; o fato de resolver de forma coletiva situações problemas imediatas permite a quem participa continuar cooperando para resolver problemas mediatos.

A seguir apresento situações que evidenciam os processos cooperativos em sala de aula e a partir dela busco aprofundar o conceito de cooperação.

1.2. DESENVOLVIMENTO DA EXPERIÊNCIA

Ao partir da experiência de estágio da graduação, na qual o conceito de cooperação salientou-se como ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem.

As dificuldades cognitivas, relacionais e sociais arraigadas ao grupo, dificultavam ainda mais o aprendizado de uma forma tradicional e individual.

A dinâmica do trabalho consistiu na formação de grupos de estudo e produção do conhecimento, que juntos criaram e desenvolveram uma arquitetura pedagógica, o blog da turma, onde o trabalho tornava-se concreto aos olhos dos alunos e da comunidade escolar.

Nesta proposta cooperativa alguns elementos são constitutivos, a saber:

2. COOPERAÇÃO

Cooperação é o ato de cooperar, como podemos ver na etimologia desta palavra. Neste trabalho, apresento a cooperação na sala de aula, ou seja, como atuar de forma cooperante no processo educativo.

A cooperação foi – a categoria de análise - que desencadeou o processo de aprendizagem concreto e de qualidade em minha sala de aula. Ela realizou-se através do trabalho em grupo e também coletivo.

A primeira etapa do trabalho cooperativo desenvolveu-se entre colegas para poder trabalhar juntos, para depois em grupo passar para uma fase mais elaborada do trabalho coletivo.

Esta produção dos grupos foi publicizado em um Blog colaborativo da turma, onde cada grupo contribuía com sua parte, tornando o conhecimento um processo aberto, público e incompleto o que permitiu o envolvimento da comunidade escolar.

3. O GRUPO DE TRABALHO

O trabalho de grupo foi uma experiência pedagógica desafiadora e complementar necessária para materializar a proposta de cooperação. Baseada na experiência vivida no PEAD, com o ²PA (Projeto de Aprendizagem), comecei a

² É um projeto de aprendizagem baseado no conceito de aprender a aprender e não o de ensinar. Segundo MAGDALENA E COSTA (2003, P. 16-17),

refletir sobre a necessidade de articular Projeto de aprendizagem + Arquitetura pedagógica e Cooperação.

A proposta de estágio deveria ser uma experiência inovadora, para os alunos e para nós como professoras e alunas, desta foram decidi arriscar.

Havia uma motivação muito grande no trabalho com esta turma, em especial. Eles foram meus alunos no ano anterior, o que me amparava muito, pois eu tinha conhecimento sobre a turma e principalmente um vínculo afetivo muito forte, mesmo com aqueles alunos que entraram este ano.

A afetividade (elo de ligação entre a pessoa e o objeto de conhecimento) está presente, como um dos eixos da pedagogia de Freinet, juntamente com a cooperação, a comunicação e a documentação. Portanto me parecia uma boa oportunidade de tentar um produção de conhecimento grupal, em um 3º ano, possibilidade esta, que eu não acreditava.

Juntamente com este vínculo, não posso deixar de manifestar a alegria e a esperança, são duas constantes em minha ação pedagógica, que segundo Paulo Freire devem fazer parte do perfil do professor. Juntamente com a minha vontade, alegria, fé, o que eu pretendia mesmo era gerar conhecimento através da pesquisa de curiosidades autênticas e tornar minha ação pedagógica mais prazerosa e feliz para meus educandos. Assim sendo, Paulo Freire salienta:

"Há uma relação entre a alegria necessária á atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. " (Freire, 1997. pg. 80)

Nesta turma muitos alunos são abrigados, outros freqüentam a Sala de Recursos, da escola, pois eles possuem o diagnóstico de autismo, esquizofrenia, bipolaridade, transtorno opositor desafiador, hiperatividade e retardo mental.

A faixa de idade é variada, pois muitos são afastados da escola, por não conseguirem interagir ou conviver socialmente. Antes do estágio eu não havia ousado misturá-los, eu trabalhava em grupo sim, mas com trabalhos dirigidos por mim, sem uma produção concreta do aluno, eu fazia de quatro a cinco planejamentos diários para as diferentes dificuldades da turma, proporcionando atividades muitas vezes individualizadas , o que me angustiava, no sentido de

estar excluindo uma possibilidade real de produção e de criação de vínculo entre eles.

Ao pensar meu projeto de aprendizagem, utilizei uma Arquitetura Pedagógica para o estágio, na qual o trabalho iniciou a partir da recreação, onde eu estaria preparando-os para a sala de aula.

Tudo iniciou devagar, a criação das regras, a delimitação dos limites, a cobrança de uns alunos sobre outros, o saber brincar, jogar, competir e principalmente participar.

Explorei muito isto na recreação, jogos esportivos, relaxamentos, tudo de modo intencional e preparatório.

Quando conseguiram brincar, começamos a trabalhar em grupo na sala e sempre enfatizei que o respeito e o diálogo era o que existia de mais importante. Qualquer conflito, mesmo pequeno, não deveria ser escondido, ou engolido pelo outro, deveríamos discutir o fato.

Desta forma não perdemos tempo, investimos em convivência e capacidade de dialogar e argumentar, foi também um exercício de linguagem, relacionado com o conhecimento pessoal e a recuperação da estima por si mesmo. Na medida em que passaram a reclamar e não bater, foram capazes de perceber onde erravam e onde acertavam e de classificar suas atitudes nestes dois campos: certo e errado.

Quando se vivem a margem da sociedade muitas vezes o certo e errado perdem o valor e o significado, pois o importante é sobreviver. Contudo o resgate disto é fundamental para a reconstrução do cidadão, neste caso destas crianças, que já sofreram muito, em sua maioria vivendo nas ruas, sofrendo humilhações, abusos, fome, falta de afeto, cuidado, falta de família.

Chegou a hora do estágio, para definir grupos de trabalho, foi necessário rever anotações e observações sobre as crianças para elaborar grupos que tivessem potencial de produção. Como os alunos tinham idades, conhecimentos, vivências e necessidades diferentes foi preciso buscar complementar as deficiências tornando os grupos aptos para um processo de construção do conhecimento.

Inicialmente eu classifiquei aqueles que usavam medicações para distúrbios de comportamento, ou que apresentavam atitudes ligadas ao Transtorno Opositor Desafiador, pois estes não poderiam ficar no mesmo grupo. Devido a surtos que ocorriam facilmente e também a antipatia que tinham uns pelos outros, considerando esta sala de aula um ambiente muito sensível a discussão e enfrentamento, já que muitas vezes estavam sem medicação.

Outro fator eram os familiares, tinham irmãos na sala, que deveriam trabalhar separado para garantir maior empenho de todos e diminuir conflitos, já que defender o irmão, mesmo estando este, errado, era comum na turma. Alguns destes irmãos tinham mais dificuldades cognitivas que outros, aqueles que não tinham, pretendiam disfarçar estas dificuldades realizando as tarefas por eles.

3.1 OPERACIONALIZANDO O ESTÁGIO: A EXPERIENCIA MATERIALIZADA

Cooperação, trabalho em grupo e construção de conhecimento foram os elementos que tornaram possível identificar habilidades e competências dos alunos de modo a organizá-los. Os critérios utilizados neste momento foram:

- ✓ Escrita e leitura
- ✓ Capacidade de organização
- ✓ Pensamento lógico matemático

Os grupos foram organizados a partir de uma temática inicial do estágio. Foram formados 6 grupos de trabalhos que ficariam fixos, permanentes durante toda a experiência de estágio, a intenção era fazer com que fossem crescendo ao longo da caminhada e qualificando a convivência.

O trabalho iniciou com a designação dos alunos com características opositoras para cada um dos grupos, ficando com eles a responsabilidade de serem líderes daquele dia de trabalho. Logo depois os outros alunos escreveram seus nomes em papéis que foram sorteados um a um, felizmente o sorteio não juntou irmãos somente primos, pois se isto acontecesse eu já havia ressaltado que separaria os irmãos.

Os grupos ficaram bons, em sua maioria, distribuídos, haviam crianças que sabiam ler e escrever bem em todos os grupos, irmãos separados, os alunos com mais dificuldade, eram quatro na sala de aula, ficaram em grupos diferentes. Em relação ao gênero masculino e feminino, que eu não levei muito em consideração, me preocupou um grupo só de meninos, porém ao longo do estágio, este grupo foi o que mais qualificou seu trabalho.

Com os grupos determinados, o tema de trabalho era sorteado todas as segundas-feiras, e na sexta-feira era finalizado.

4. O GRUPO EM AÇÃO

Todo o trabalho era baseado em um tema determinado, de acordo com este tema, o grupo deveria fazer um levantamento de suas curiosidades e combinar o que iriam pesquisar e preparar no prazo de uma semana.

A rotina do grupo era a seguinte:

Segunda – feira	Avaliação da semana anterior Recebimento do tema, discussão e combinação em grupo.
Terça - feira	Aula de pesquisa em laboratório de informática e biblioteca.
Quarta – feira	Aula de produção de texto, relativo ao conhecimento pesquisado.
Quinta – feira	Apresentação para turma, exposição no mural da sala, início de postagem.
Sexta - feira	Finalização e postagem no blog da turma, sempre procurando uma imagem para adequar ao texto produzido.

Na quarta-feira o meu trabalho de orientação era constante, pois era o momento que os alunos estavam selecionando tudo o que pesquisaram e precisavam descartar coisas ou ainda buscar mais informações.

Eles evoluíram muito na escrita e na leitura, eu duvidava de tamanha evolução, inicialmente. Mas eles aprenderam a procurar no dicionário, a usar o computador com maior segurança, a se expressar quando entrevistavam alguém.

No início era muito barulho em sala, todos me chamavam juntos, brigavam no grupo, um queria uma coisa e o outro outra. Com minhas intervenções, sem apontar resoluções, eles acabaram buscando seus próprios caminhos, decidindo coisas entre eles, e já na quarta semana de trabalho, a mudança era visível. Eu me sentia mal, por na ser muito solicitada, parecia que eu não era mais a professora, e eu não era. Não era mais a dona do conhecimento e da informação, pois passei a aprender com eles e a orientá-los, sem ensinar coisas. Uns eram professores dos outros, porque antes de recorrer a mim, perguntavam ao colega. Consegui tal evolução através da metodologia de Educação para o Pensar, de LIPMAN, ao ser questionada eu novamente questionava, nunca dava a resposta e sim provocava a reflexão.

As postagens no blog eram a finalização de um trabalho, todas as disciplinas envolviam o tema semanal, nada fugia do assunto, e em todas as outras atividades era possível perceber que o conceito de cooperação estava presente.

Durante a semana os alunos deveriam preencher uma ficha avaliativa do grupo, cada semana um, era líder, o líder era responsável por fazer a chamada e registrar símbolos pela a participação dos colegas e sua. Depois deveria relatar de forma escrita, informações sobre aquele dia de aula, incluindo todos os momentos do dia.

FICHA DO LÍDER

Semana 4	Temática: TRABALHO
Grupo: 2	Líder: SANDERSSON

CHAMADA E DESEMPENHO DOS COMPONENTES

ALUNO	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
TAIS					
DOUGLAS					
EDUARDA					
SANDERSSON					

ANOTAÇÕES DA SEMANA

Segunda-feira	A TAIS BRIGOU NO PERQUELO
Terça-feira	TODOS TRABALHARAM BEM E EU BRIGUEI
Quarta-feira	A EDUARDA FOI BEM, ATAS NÃO TRABALHOU
Quinta-feira	TUDO CALMO
Sexta-feira	EU NÃO FUI MUITO BEM MAIS TO MELHOR NO TABALHO EM GRUPO

Desta forma todos eram líderes e também liderados, deveriam aprender a gerir o grupo, mas também acatar regras, perante a outros líderes. Nas segundas feiras os grupos refletiam sobre a mesma ficha e faziam um julgamento para turma, o mesmo seria registrado em um painel avaliativo, que ficava exposto na sala.

Ao refletir e divulgar as avaliações os grupos cresceram em capacidade de argumentação e melhoraram seu relacionamento para conseguir expressar uma boa avaliação, afinal a avaliação era baseada em fatos que ficavam registrados na ficha, não haveria como apagar atitudes ou omitir informações, eles acreditavam muito no registro e não pensavam em trapacear, pois respeitar as regras era fundamental na avaliação deles.

5. O BLOG

Blog é um site, um espaço virtual, de atualização rápida, ele pode conter informações de utilidade pública, pode ser voltado a apenas um tema, pode servir como diário. É um lugar na internet em que escrevemos artigos, textos que chamamos de postagens, o que aparece primeiro é sempre a última postagem que foi feita, ou seja, a última coisa que escrevemos.

Hoje o blog é uma ferramenta tecnológica que podemos usar na educação, pois é algo atual, que motiva o estudante e pode ser feito de forma colaborativa, como foi usado em meu estágio.

O blog foi à arquitetura pedagógica utilizada nesta experiência de estágio. Inicialmente os alunos queriam fazer um jornal, com informações diversas, como: esporte, alimentação, musica saúde...

Como seria cara a impressão do jornal e eles gostavam muito de usar o laboratório de informática, apresentei a ideia do blog da turma, e os alunos gostaram muito. Sem entenderem muito bem começaram a trabalhar, mas foi na primeira postagem que os olhinhos brilharam, eles viram o seu trabalho exposto na internet, podiam ver em casa, ou no abrigo, ou na casa de parentes.

As postagens aconteciam na sexta-feira, individualmente eu ajudava os grupos, pois somente eu tinha a senha que gerenciava o blog, mas as crianças faziam todo o resto, escrever, definir o tipo de letra, cor do texto, imagem(procurar, recortar, colar).

Ainda no laboratório mostrávamos no telão as postagens de todos e admiramos os trabalhos, assim como dávamos sugestões de melhoramento.

Realmente o blog era o grande motivador da cooperação, pois ele era algo maior, o trabalho coletivo de todos os grupos, e ele precisavam dar certo, portanto eles trabalhavam bem no grupo para que o blog desse certo.

Como os assuntos mudavam as crianças estavam sempre estimuladas e escolhiam assuntos também, mudando o planejamento do estágio, que era flexível, pois o importante para era experimentar o trabalhar em grupo, com tecnologia, com este blog.

Algumas temáticas trabalhadas foram:

- ✓ Costumes indígenas
- ✓ Meios de comunicação
- ✓ Comunidade
- ✓ Trabalho
- ✓ Corpo, saúde e nutrição
- ✓ Não use drogas(sugestão os alunos)
- ✓ Meio urbano e rural
- ✓ Meio ambiente

Como algumas famílias não tinham acesso ao blog, fizemos uma apresentação na informática, convidando as pessoas a acompanhar nosso trabalho, o retorno e a avaliação das famílias foi muito boa.

Falas das famílias e educadores:

“ Foi uma ótima ideia!”

“A Maria Eduarda está muito interessada nas aulas e eu estou acompanhando em casa. Estou gostando muito.”

“No abrigo, os meninos entram e as outras crianças também podem ver, todos gostam muito e os meninos sentem-se orgulhosos.”

“O Eduardo tinha computador, mas só jogava agora ele pesquisa e ensina pra gente. Ele também não quer mais faltar a aula, pois é monitor.”

“Com o blog, nós podemos acompanhar o que nossos filhos estão aprendendo e fazendo no colégio.”

“Não entendo disto, mas acho muito bom e as crianças gostam.”

Falas de alguns alunos:

“O blog é nosso, é um trabalho que nós fizemos, é bem legal.”

“As nossas aulas ficaram melhores com o blog, eu não quero que o blog, acabe.”

“Eu gosto de fazer o blog, porque nós vamos na informática e trabalhamos em grupo.”

“É bem melhor trabalhar em grupo do que sozinho.”

“O blog é bom e me deixa feliz.”

“A minha turma ficou mais legal com o blog.”

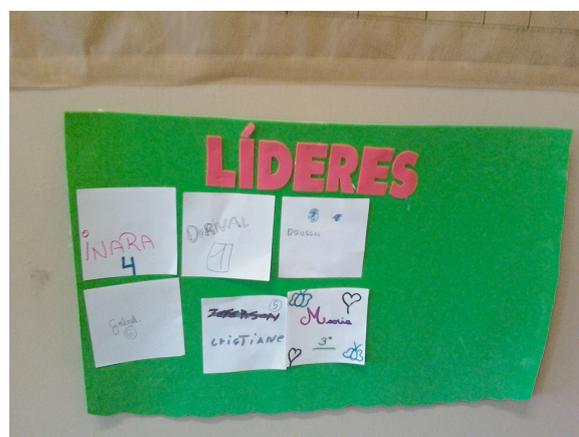
6. A AVALIAÇÃO

A avaliação foi feita com base nas produções dos grupos e nas fichas de grupo. Toda a segunda- fazíamos o momento de avaliação, o líder fazia um relato da semana passada, lia anotações da sua ficha, tudo conversado com o grupo. Depois era feita a exposição para turma das dificuldades e das facilidades encontradas na semana anterior, cada grupo escolhia um cartão, verde, amarelo ou vermelho (cores relacionadas aos sinais de trânsito), para dar ao seu grupo. O cartão era exposto no painel avaliativo da sala, onde estavam numeradas as semanas em que ocorreria o estágio.

Inicialmente as crianças queriam omitir informações das fichas na hora da leitura, porém sempre se lembravam de anotar todos os problemas durante a semana, como mostra a ficha no capítulo anterior. Ficava difícil então, negar as informações no momento avaliativo.

Com o passar do tempo foram crescendo bastante e evoluindo na capacidade de argumentar e expor suas ideias, os líderes, também cresceram e começaram a separar fofoca, e trabalho, fazendo registros mais precisos tornando a avaliação mais séria e justa.

Apresento abaixo o quadro avaliativo, nesta foto ele está na 7ª semana, tivemos apenas 1 cartão vermelho na 8ª semana, ao lado apresento o quadro com o nome dos líderes, da semana.



7. A TROCA DE PAPÉIS NA SALA DE AULA

Com a divulgação do blog, e o envolvimento dos alunos neste projeto, começamos a despertar o interesse das outras crianças da escola, pois todas tinham acesso ao blog, e faziam parte dele, através das atividades escolares que eram divulgadas.

A pergunta “Profe, porque só o terceiro série vai na informática?”, feita pelas outras crianças, às minhas colegas, quando passavam em frente ao laboratório, começou a me incomodar. Afinal, nosso laboratório é novo, com banda larga, vários computadores e passa a maior parte do tempo fechado, porque o responsável para trabalhar naquele setor, foi retirado pelo governo, já que nossa escola é pequena.

A informática em uma escola como esta, além de ser uma ferramenta de aprendizagem, é um atrativo, um motivo, para que os alunos não faltem e não evadam. Para que mostrem seu potencial e competências, que as vezes na sala de aula, não enxergamos.

Conversei com minha turma sobre a possibilidade de serem monitores de outras turmas, auxiliando no uso dos computadores, já que a desculpa das minhas colegas professoras, era que não sabiam mexer no computador, apesar de todas

terem computador e mandarem email uma para as outras. Meus alunos aceitaram a ideia, com entusiasmo, o que foi muito bom para mim, pois para ser um monitor eles precisariam de alguns requisitos básicos, que todos foram logo buscar:

- ✓ Saber usar o computador, e programas básicos como Word, paint, Power point e a internet.
- ✓ Fazer um levantamento dos sites educativos que nós trabalhamos ao longo do ano para poder sugerir.
- ✓ Salvar os trabalhos das turmas, criando pastas para tal.
- ✓ Ser um aluno cooperativo e interessado em ensinar e aprender.
- ✓ Ser paciente e conseguir explicar.
- ✓ Não se envolver em conflitos e ter uma postura respeitosa.

Com todos estes critérios, apostei em alunos, primeiramente em alunos com conhecimento da ferramenta, até para desafiá-los a ter uma boa postura, no caso de alguns que precisam sempre de uma motivação maior para não envolver-se em conflitos e conseguir conviver de forma pacífica, devido a problemas como Transtorno Bipolar e Transtorno Opositor desafiador.

Com a turma sabendo da minha ideia, levei para as colegas e direção, a proposta, que foi rapidamente aceita, porém percebi que, não bem compreendida. Então conversei com a Bianca, a funcionária que me ajudou durante todo o estágio, a atender os alunos na informática, e ela se propôs a abrir o laboratório e ajudar no que fosse possível dentro da sua disponibilidade de tempo.

Como havia percebido certa displicência por parte de algumas colegas, em fazer suas aulas com qualidade e não apenas matar tempo depositando os alunos no laboratório, fiz um planejamento antes de iniciar este projeto. Primeiramente ministrei uma pequena oficina no laboratório para as colegas, mostrei jogos e softwares educativos que temos na escola, indiquei sites educativos, com assuntos diversos e entramos em cada um deles, conversamos e abri para comentários. Depois vimos um pouco de Word, paint, Power point e jogos oferecidos pelo Linux, que temos agora no laboratório, finalizando, mostrei o blog, como fazíamos postagens, busca de imagens, etc.

Ao final da oficina, todas pareciam entusiasmadas, então salientei a importância de irmos até o laboratório, com um planejamento concreto, que fosse uma extensão do trabalho na sala de aula, falei também sobre a

importância de dizer não aos alunos, para alguns tipos de jogos e conversar com eles, sobre a importância de também aprender, na informática. Após, ofereci meus alunos como monitores e perguntei sobre a preferência de dias da semana, para montar um horário, que seria de uma hora por semana. Com o horário montado, começamos as aulas que ainda estão ocorrendo, após as quais, os monitores e professores das turmas orientadas recebem uma ficha para avaliação deste trabalho, apresento abaixo, dois modelos de fichas de monitores que comento em seguida.

Ficha do aluno monitor
Nome: JEFERSON
Você gostou de realizar o trabalho de monitoria? Por quê?
SIM PORQUE EU ACHO LEGAL AJUDAR OS OUTROS
Você gostou de realizar o trabalho de monitoria? Por quê?
EU GOSTEI MUITO
Como você se sentiu ao realizar este trabalho?
EU ME SENTI UMA PESSOA EDUCADOR ENSINANDO
Escreva um pouco sobre as turmas que você atendeu:
Turma: B2 A PROFESSORA ANGELA
Professor: ALINE

Ficha do aluno monitor
Nome: Jefferson
Você gostou de realizar o trabalho de monitoria? Por quê?
SIM PORQUE É MUITO BOM AJUDAR OS OUTROS
Você gostou de realizar o trabalho de monitoria? Por quê?
EU GOSTEI MUITO
Como você se sentiu ao realizar este trabalho?
EU ME SENTI MUITO AJUDANDO OS OUTROS
Escreva um pouco sobre as turmas que você atendeu:
Turma: todas são um pouco agitadas todas as turmas que eu atendi
Professor: ANJELA, ELISA, LIZAR

Nestes dois casos tenho alunos esforçados e com bastante dificuldade de escrita, mas, com bastante habilidade no laboratório de informática, habilidades estas adquiridas durante o processo de criação do blog, e apenas utilizando a informática no colégio. Os dois alunos são irmãos, moram em abrigo, os pais morreram quando eram muito pequenos, os meninos foram recolhidos da rua. Dorival nasceu na Bahia, é o nosso baianinho e o Jéferson em Porto Alegre.

Ao observarmos as duas fichas, pode-se perceber a satisfação em ajudar o outro, que é a cooperação, agora fora da nossa sala de aula, a cooperação ganha espaço na escola, eles estão cooperando para que outras turmas aprendam, sentem-se gratificados, sentem-se educadores, como cita Jeferson, na primeira ficha. Na segunda ficha, Dorival diz que se sente “um pai”, nesta expressão percebe-se a noção de família e talvez a falta que este pai tenha feito. Estes dois alunos eram bastante revoltados com a questão familiar inexistente em suas vidas, e com o autoconhecimento, a valorização das habilidades deles, o incentivo, percebe que adotaram outra postura, não querem mais relutar e sim lutar para fazer a diferença e ser diferente.

Comprova-se aqui a inversão de papéis que deu certo, pois os alunos sentem-se educadores e cuidadores de outras crianças, desenvolvendo competências para isto, fruto da cooperação em sala de aula, que resulta na cooperação entre turmas, gerando uma escola cooperativa.

Abaixo apresento um modelo de ficha, de uma professora que foi auxiliada pelos alunos monitores:

Ficha do professor auxiliado pelo aluno monitor
Nome do professor: <u>Ângela Góbbi Farina</u>
Turma: <u>1ª</u>
Aluno monitor: <u>vários</u>
Escreva o que você achou do trabalho realizado pelo monitor? <u>Muito bom. Eles têm conhecimento, paciência, disponível e didática.</u>
Escreva pontos positivos do monitor. <u>Os pontos positivos foram citados à cima.</u>
Escreva pontos que o monitor precisa melhorar. <u>As vezes esquecem de minular a atividade ou não estão atentos ao desinteresse do aluno com a atividade proposta.</u>
Você acha importante o trabalho do monitor? Por quê? <u>Sim - para orientar os alunos principal mente - quando o professor da turma não tem condições e tb. para crescimento/desenvolvimento deles mesmos.</u>

Primeiramente a professora, apresenta as qualidades dos monitores, as primeiras positivas, e a última “didática”, fazendo uma certa confusão, com o papel de monitor e professor.

Quero deixar claro, neste trabalho, que a troca de papéis ocorre através da cooperação e não da subordinação, não é um aluno sendo subordinado ao outro, mas ajudando o outro, como um auxiliar da ferramenta e não tomando o papel do professor neste caso.

Ao destacar os pontos negativos do monitor a professora, deixa clara a sua confusão e a falta de entendimento sobre esta proposta de trabalho, pois o monitor deve ajudar na proposta e na atividade proposta pelo professor e não planeja ou escolher o que a turma vai fazer, tendo em vista que não são capacitados e não apresentam condições de saber interesses da turma, ou o trabalho que está sendo feito em sala de aula. Infelizmente ao final da ficha a professora diz não ter condições de orientar seus alunos, sendo que não é verdade, pois é uma pessoa que tem bastante contato com a ferramenta, participou do início do projeto e aparenta não estar tendo interesse.

Podemos constatar que a cooperação na sala de aula não é um trabalho fácil, e que muitas vezes não é entendido fora da nossa sala de aula.

Os alunos continuam monitorando, mas geralmente comentam o que não acham certo nas aulas que auxiliam, eles trabalham nas quartas, quintas e sextas. Trocam-se para poder fazer também o trabalho de aula. No fim do ano, irão receber um certificado da escola por monitoria em uma homenagem que estamos preparando.

A troca de papéis aqui comprova que a cooperação é capaz de contribuir com o educando para além da sala de aula, FREINET, falava de uma pedagogia de bom senso, pela qual a aprendizagem resulta de uma relação dialética entre teoria e prática, onde o professor tem uma atitude orientada tanto pela psicologia, quanto pela pedagogia, onde o histórico pessoal do aluno interage com os conhecimentos novos e essa relação constrói seu futuro na sociedade.

Penso que a partir de uma experiência como esta de monitoria, os educandos possam vislumbrar até mesmo o lado profissional. Novamente falo de FREINET, que criou a pedagogia do trabalho e que pensava ser este o objetivo final da educação. Não sou tão radical neste pensamento, talvez por viver em

outro momento histórico social, porém concordo que “Um dos deveres do professor, segundo Freinet, é criar uma atmosfera laboriosa na escola, de modo a estimular as crianças a fazer experiências, procurar respostas para suas necessidades e inquietações, ajudando e sendo ajudadas por seus colegas e buscando no professor alguém que organize seu trabalho” (<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet-307897.shtml>)

Não posso deixar de manifestar também que seu pensamento era voltado para tornar o aluno um cidadão capaz de exercer um trabalho livre, criativo e que fosse capaz de transformar o meio e emancipar quem o exerce.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início minhas considerações pontuando a importância da busca e do querer fazer diferente para oportunizar novos olhares e novas formas de trabalhar com o educando com o objetivo de formar consciências mais críticas e atentas ao mundo em que vivem. Pois todo o sujeito deve ser desafiado ao saber coerente e significativo, que proponha o trabalho conjunto e a cooperação no que tange suas atividades dentro e fora da sala de aula.

Uma primeira constatação da experiência analisada é o fato da cooperação na sala de aula não é um trabalho fácil, e que muitas vezes não é entendido fora da nossa sala de aula.

Segundo, a troca de papéis aqui, comprova que a cooperação é capaz de contribuir com o educando para além da sala de aula, conforme balizado por Freinet em um dos princípios invariáveis que fazem parte do seu *Código de Educação*:

*“A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos envolvidos, incluindo o educador”*³

Terceiro, considero muito importante a utilização do conceito de cooperação como estratégia pedagógica, pois retrata minha experiência e formata

³ FREINET, Célestin. Apud ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Celestin Freinet: uma pedagogia da atividade e cooperação*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.pg 53.

meu pensamento, principalmente na parte final “incluindo o professor”, porque eu fui incluída também, me envolvi e participei, sem ficar somente ditando ordens, distribuindo tarefas e transmitindo informações.

Quarto, a experiência de trabalho baseada na cooperação não pode ser levada de modo superficial, pois as dificuldades encontradas no trabalho efetivo sinalizam os limites do professor. Ao direcionar meu trabalho para “a pedagogia da fé”, baseada é claro em outras importantes pedagogias de Paulo Freire: a pedagogia do Oprimido, da Autonomia, da Esperança. Penso que somente acreditando em nossos educandos, apostando neles com fé, é que poderão tornar-se protagonistas, independentes e conscientes para mudar a sua realidade. Com a turma de trabalho deste relato, consegui através da cooperação uma grande harmonia, e envolvimento afetivo, este último, muito considerado por FREINET.

Quinto, a cooperação foi um trabalho que iniciou com muitas dificuldades. Primeiramente eu acreditava nos alunos, mas não acreditava no processo de construção do conhecimento, somente a partir do trabalho em grupo. Depois os alunos precisavam se respeitar e respeitar a si próprios para conseguir conviver. Eles também teriam que descobrir suas habilidades, para assim ter algo a oferecer ao grupo. Por último eles deveriam sentir-se capazes de criar, escrever, ler, pesquisar e acreditar que ficaria bom.

A minha incredulidade, foi desbancada na primeira semana de trabalho, eles conseguiram produzir conhecimento, apenas com a minha orientação e em grupo. Os pais ainda queriam cadernos cheios, driblamos isto, registrando tudo que fazíamos no caderno de aula, anotando pesquisas, assim o trabalho ficou mais organizado também.

A conversa era intensa e as discussões também precisaram parar muitas vezes e conversar. Precisei explicar a importância de fazer um blog, onde todos poderiam ver. Disse que a responsabilidade era grande e que eles precisavam entender que todos deveriam trabalhar do contrário, terminaríamos com os grupos de trabalho. A motivação semanal abastecia as crianças, elas ficavam empolgadas e queriam continuar em grupo, pois se sentiam mais livres, úteis, e participando mais efetivamente da aula.

Como professora pude perceber a importância de deixar eles fazerem, de planejar com objetivos concretos, de mediar e orientar, buscando aguçar a curiosidade.

A minha experiência de estágio está sendo usada na escola, como um exemplo positivo, uns estímulos a outros professores, principalmente das séries finais do Ensino Fundamental que estão passando por um momento delicado. A situação é de muito desinteresse escolar, evasão e reprovação ao final do ano letivo. Em um momento de formação apresentei o blog da turma para estes colegas, contei um pouco da experiência do trabalho em grupo, e mostrei através de uma oficina como fazer um blog.

Foi pedido para que eu expusesse esta experiência, porque de fato, estes problemas que são os nossos fantasmas, o desinteresse, a evasão e a reprovação, foram contornados em minha turma e este processo foi reconhecido pela comunidade escolar.

Foi um momento importante para mim, que só foi possível através do estágio decorrente do PEAD. Através do PEAD, percebi que a experiência de educar é um ato político e deve ser feito com o máximo de participação possível do aluno.

Vejo que durante este curso, meu crescimento profissional foi grande, porque consegui arriscar e planejar um trabalho participativo, baseado na cooperação na sala de aula.

9- REFERÊNCIAS

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Celestin Freinet: Uma pedagogia da atividade e cooperação*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

----- . *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

SILVA, Débora da. *Aprendizagem cooperativa na educação infantil: desafios e perspectivas*. Local: Editora, Ano.

PIAGET, Jean. *O juízo Moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994

Textos On-line

O toyotismo. Texto disponível em <http://www.colegioweb.com.br/geografia/o-toyotismo.html> Acesso em 21/11/2010.

Célestin Freinet. Texto disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9lestin_Freinet. Acesso em 21/11/2010.

Teoria da Aprendizagem de Vygotsky. Texto disponível em <http://interacoecooperacao.blogspot.com/2009/04/teoria-da-aprendizagem-de-vygotsky.html> Acesso em 21/11/2010.

Célestin Freinet. Texto disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/celestin-freinet-307897.shtm>

Acesso em 21/11/2010.

10. ANEXOS

1-Depoimento da voluntária, psicopedagoga e professora aposentada Regina Wainer

COOPERAÇÃO NA SALA DE AULA

Declaração Universal dos Direitos Humanos, Princípio 7º: “A criança terá direito a receber educação... Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade.”.

Precisamos acreditar! Quando penso nas tristezas que ouvimos, vemos, presenciamos em relação à qualidade da educação em nosso País, parece que a esperança por um futuro melhor para nossas crianças não existe. Nas últimas décadas houve grandes avanços tecnológicos, científicos e acadêmicos em diversos âmbitos, incluindo a área educacional. Entretanto, muitas escolas de hoje resistem a essas mudanças. Algumas professoras seguem usando o mesmo material com seus alunos, ainda que amarelado pelo tempo. Os discursos, diversas metodologias, são aplicados muitas vezes superficialmente, pois os docentes nem sempre conseguem dominar a teoria com segurança. São minoria aqueles educadores que se empenham em compreender o processo pelo qual seus alunos realmente aprendem, e conseguem, dessa forma, adaptar sua prática pedagógica às exigências desse processo.

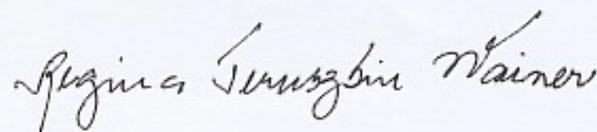
Sou psicopedagoga e professora alfabetizadora aposentada. Fui convidada pela Aline para escrever algumas palavras sobre o trabalho que ela realiza na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Francisco de Assis, junto às crianças da terceira série. Realizo um trabalho voluntário nesta Escola desde 2009.

Afinal, o que queremos da escola? Certamente, não queremos simplesmente que as crianças saiam com a cabeça repleta de todos os conhecimentos transmitidos pelos professores. Queremos que aprendam a aprender, a pensar, a serem críticos, autônomos, que estejam preparados para interagir com outras pessoas, que trabalhem em grupos cooperativamente, para se comunicar com eficácia, inserindo-se de forma responsável na sociedade.

Aline, nos projetos cuidadosamente planejados e organizados, como o Jornal Virtual (jornaldaturma31.blogspot.com), propõe atividades com temáticas específicas, pesquisadas e sugeridas pela turma, tais como: Expectativas Profissionais; Corpo, Saúde e Nutrição; Violência; Desemprego; Poluição; Drogas, etc. Consegui criar um espaço de trabalho cooperativo, reflexivo, sobre a convivência na sala de aula, na escola e na sociedade. Com o olhar diferenciado e afetivo, procura atender a diversidade da turma. O convívio cotidiano nas situações de sala de aula é contextualizado, oportunizando discussões e construções de atitudes e valores, como a tolerância, o respeito mútuo, a generosidade, a confiança, predispondo aos pequenos ou ao grande grupo o diálogo e, conseqüentemente, a produção de propostas de trabalho envolvendo os conteúdos curriculares necessários. Observo, semanalmente, que o trabalho participativo permitiu criar um clima de convivência escolar envolvente, tranquilo e favorecedor das aprendizagens.

É com professoras como Aline que a criança, numa construção colaborativa, alcançará sua autonomia, tendo como base a reciprocidade. Estará, assim, atingindo metas imprescindíveis na relação educativa. Admiro-a,

pois esta profissional da educação tem a sua parcela de responsabilidade nas mudanças necessárias em nosso País. Planta suas idéias para que aconteça uma conscientização coletiva. E então, refletindo com otimismo, o que considerávamos uma utopia para o futuro, fará parte de nosso presente.
Parabéns, Aline!



2- Depoimento da Funcionária Bianca Nascimento, que auxiliou no laboratório de informática, durante o trabalho com o Blog:

Nossa Escola possui um laboratório de informática que infelizmente é pouco utilizado pelos dois turnos (manhã e tarde), a principal causa é a falta de um profissional responsável por ele.

Achava muito triste um espaço como este fechado e sem uso, mais ainda pelos alunos que em sua grande maioria são carentes e não possuem acesso à internet e/ou computadores.

Por isso apoiei o projeto da Prof^a Aline na construção do blog da Turma 31, onde foi dada aos alunos oportunidade de pesquisar sobre diversos assuntos referentes as temáticas abordadas durante o ano letivo, utilizar jogos pedagógicos, digitação através das produções textuais. Ver os sorrisos e a alegria em cada rosto ao término de cada atividade foi gratificante.

Para que fosse possível a utilização do laboratório pelas demais turmas, Prof^a Aline libera alguns de seus alunos da turma 31 que auxiliam como monitores tanto os alunos quanto os professores. Espero que esta idéia continue sendo cultivada pelos demais profissionais da Escola.

Fico chateada em lembrar que a qualquer momento a Escola pode perder esta Professora com idéias e propósitos novos para a educação, já que os profissionais da rede de ensino estadual são muito mal remunerados e a rede particular pode oferecer condições melhores.

Agradeço o convite para auxiliar no Projeto onde todos saíram ganhando e conseguimos superar as adversidades que apareceram. Continue sempre com este espírito de inovação e estímulo, é isto que nossas crianças necessitam de novos modos de aprendizagem. Que você consiga estimular cada vez mais crianças a sonharem. Parabéns.

Bianca Nascimento – funcionária da Escola São Francisco de Assis